

**Após ocupação de Garagua**

# "Punição" prossegue com acções de perseguição

12/12/81

As unidades das Forças Armadas de Moçambique, que ocuparam na segunda-feira a base inimiga de Garagua, prosseguiram ontem as suas acções, enquadradas na operação de nome de código «Punição», de perseguição dos bandidos da «RNM», organização criada, financiada e dirigida pelo regime racista da África do Sul.

por Fernando Lima (AIM)

Uma equipa de jornalistas, entre os quais o enviado da AIM, deslocou-se ao local onde continuam a decorrer operações de perseguição aos ocupantes da base, em fuga. A base central da chamada «RNM» estava situada a cerca de oitenta quilómetros a «SO» de Machaze, no distrito de Mossurize. Do centro da base, são perfeitamente visíveis as linhas condutoras

começou por relatar à AIM Bernardo Canhaze. «No dia 4, pelas 18 horas, foram tomados os postos avançados, desencadeando-se em seguida o assalto final ao centro da base».

Nesta operação de grande envergadura foi envolvida, na fase preliminar de bombardeamento, a força aérea e a artilharia pesada, fazendo-se igualmente uso de forças motorizadas, uni-

acampamento, numa zona em que a população e a vegetação não são muito densas.

As diversas instalações, estendiam-se por uma área de dois quilómetros. Segundo peritos militares moçambicanos, calcula-se que em certas fases, tenham estado ali concentrados cerca de mil homens. As habitações, a maior parte das quais destruídas pelo fogo

dias antes do assalto final à base inimiga, data em que foi assinalado um helicóptero na zona.

Quando o grupo de jornalistas chegou quarta-feira a Garagua, equipas de sapadores procediam à recolha de armamentos e explosivos deixados pelo inimigo durante a fuga.

Segundo um dos oficiais que dirigiu as forças em terreno, foram capturadas grandes quantidades de armas ligeiras, minas anticarro, morteiros, peças antiaéreas, roquetes, obuses para canhão e várias caixas de granadas e munições.

O material capturado tem várias origens, principalmente portuguesa e sul-africana. As inscrições nas armas eram em geral raspadas para ocultar a sua real proveniência. Num dos extremos da base estão aglomerados muitos tambores de 200 litros contendo combustível para helicópteros.

Entre os materiais apreendidos, figuram rádios emissores-receptores, portáteis e fixos, material médico e cirúrgico, medicamentos e compressas, uma motobomba e um motor para moagem de milho.

As forças moçambicanas sofreram apenas dois feridos, durante toda a operação, havendo a confirmação de seis baixas inimigas durante os recontros que no dia 4 culminaram com a ocupação dos postos avançados do inimigo. Na progressão, foram ainda feitas várias prisões. As baixas do adversário foram calculadas como pesadas, verificando-se o facto de terem sido descobertas sepulturas apressadas e vestígios indicativos de que alguns dos mortos e feridos graves foram arrastados durante a fuga.

Importante documentação encontrada na base, indica que era a partir de Garagua que funcionava o comando operacional da chamada «RNM», coordenando as acções na zona central de Moçambique.

Na tarde de ontem, esteve em Garagua o Major-General Tomé Eduardo, comandante do Posto de Comando Avançado de Machaze. Dirigindo-se às unidades que participaram na operação, Tomé Eduardo lembrou que as tarefas não estão ainda terminadas: «É necessário consolidar esta vitória» — disse. «A vitória não nos deve fazer esquecer que há novas tarefas a realizar para que essa consolidação se verifique» — referiu Tomé Eduardo, perante centenas de soldados cobertos de poeira e visivelmente cansados.

As operações militares no distrito de Mossurize tiveram início em Junho deste ano, envolvendo acções de carácter combativo e um apoio às populações da área, nomeadamente em géneros alimentares, produtos de comércio geral, alfaias e sementes agrícolas, melhoramento das vias de comunicação e captação de água potável.



À direita Bernardo Cezerilo Canhaze, 26 anos, foi o comandante de uma das unidades de comandos. A força sob sua direcção realizou um combate com o grupo inimigo que deixou seis corpos no terreno e registou outras baixas, como provam as marcas deixadas na retirada em debandada. O Major-General Tomé Eduardo, à esquerda, inspecionando uma parte das armas ligeiras capturadas às forças inimigas no assalto à base de Garagua, completamente ocupada no passado dia 7 do corrente.

de energia da barragem hidroeléctrica de Cahora Bassa, não muito distante da vizinha República do Zimbábue.

Segundo Bernardo Canhaze, de 26 anos, comandante de um dos destacamentos operacionais envolvidos no ataque derredor a Garagua, a libertação da base inimiga deu-se no dia 7, pelas 12.05 horas. «A operação final iniciou-se nas primeiras horas da manhã do dia 30 de Novembro» —

dadas blindadas e várias companhias de infantaria.

«Quando chegámos ao centro da base, o inimigo tinha retirado em fuga», afirmou Julião César, de 24 anos, um outro combatente das FPLM, que foi um dos responsáveis do segundo grupo operacional encarregado do golpe final ao reduto da «RNM».

A base de Garagua estava implantada num vale circundado por colinas, que constituíam defesa natural e barreira de acesso à zona central do

durante o ataque, eram de colmo, havendo também construções maticadas e feitas de adobe.

Num local afastado, mas dentro do perímetro da base, havia instalações para os «especialistas» e militares sul-africanos, oficiais de segurança e mercenários, que por largos períodos permaneciam em Garagua.

Elementos da contra-inteligência militar moçambicana, estimam que os principais cabecilhas contra-revolucionários tenham sido evacuados três